

ISSN 1415-4498

# *M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

*14*

Centre de Documentation du Cours  
de Langue et Littérature Française

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO

L I T E R Á R I O

# *M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA  
VITÓRIA, ES – DEZEMBRO DE 2006

**Conselho Editorial:**

*ALMUTH GRÉSILLON*  
*AMÁLIO PINHEIRO*  
*JULIO CASTAÑON*  
*RAUL ANTELO*  
*ROBERTO BRANDÃO*  
*WILLI BOLLE*  
*YEDDA DIAS LIMA*

**Editoria científica:**

*ÂNGELA GRANDO BEZERRA*  
*APARECIDO JOSÉ CIRILLO*  
*MARIA REGINA RODRIGUES*  
*MARIA GORETE DADALTO GONÇALVES*  
*FERNANDO AUGUSTO DOS SANTOS NETO*

**Diretoria Editorial:**

*APARECIDO JOSÉ CIRILLO*

**Projeto Gráfico:**

*LUCIANO ALVES PORTELA*  
*VITOR CAMPOS LOUZADA*

**Ilustração Capa:**

*ATÍLIO COLNAGO*

# SUMÁRIO

1. Como entender os processos de criação vinte anos depois - Philippe Willemart.....	9
2. Lecture macro, lecture micro du processus d'écriture_ Réflexions sur la performativité du détail en critique génétique - Irène Fenoglio.....	22
3. Crítica de Processo - Cecília Salles.....	36
4. Signo e significação: Pensamento diagramático e leis de formação - Daniel Ribeiro Cardoso.....	41
5. Informação Estética: Processos de Construção de Formas na Criação - Edina Regina P. Panichi.....	47
6. Breviário das terras do brasil: uma aventura nos tempos da inquisição e os vários caminhos que os manuscritos nos proporcionam - Isabel Cristina Farias de Lima.....	52
7. A Comunidade do Arco-íris: a Gênese de um Possível Novo Mundo - Mara Lúcia Barbosa Da Silva.....	56
8. A presença de João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes em Acervos de escritores espanhóis - Ricardo Souza De Carvalho.....	61
9. Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação - Marcos Antonio de Moraes.....	65
10. Poética do processo - Roberto de Oliveira Brandão.....	71
11. Estética da Criação: a gênese de Vidas Secas, de Graciliano Ramos - Vanda Cunha Albieri Nery.....	75
12. O território do caderno de criação - Laís Guaraldo.....	80
13. O códice 367 (320) da Biblioteca Nacional de Lisboa - Carlos Eduardo Mendes de Moraes.....	88
14. Acervos de autores e projetos de edição crítica: Os casos de Fernando Pessoa e Eça de Queirós - Ceila Ferreira Martins.....	94
15. Ficção e Imprensa no Brasil: os Processos de Criação de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar - José Alcides Ribeiro.....	101
16. Machado de Assis e o Corpus flaubertianum - Verónica Galíndez Jorge.....	116
17. Revisitando a aquisição de segunda língua: inglês - Ana Elisa Machado Cysne.....	121
18. Tradução literária e crítica genética: Estudo genético do prototexto da tradução para o português do romance de Gabriel Garcia Marques Memória de minhas putas tristes. - Marie-Hélène Paret Passos.....	127
19. Drummond e o Arquivo-Museu de Literatura - Eliane Vasconcellos.....	132
20. Arquivos de escritores: as tramas no Arquivo Mário de Andrade - Marcia Regina Jaschke Machado.....	138

21. Método Van Gogh de formação em artes visuais - Edson P. Pfützenreuter.....	143
22. Um diálogo com as cartas de Vincent Van Gogh - A partir do livro Vincent Van Gogh: cartas a Théo - Maria Paula Palhares Fernandes.....	150
23. Italo Calvino: reflexões sobre processo de criação - Maria Sílvia Bigareli.....	161
24. A Poética de Norma Grinberg: O Arco do Desejo - Sylvia R. Fernandes.....	166
25. Construção metodológica na pesquisa em Educação: contribuições da Crítica Genética - Ronaldo Alexandre de Oliveira e Sílvia Regina Ribeiro.....	171
26. Processos de escritura na escola: breve panorama de alguns estudos franceses e brasileiros - Valquíria C. M. Borba e Eduardo Calil.....	177
27. Desdobrando as Funções dos Documentos de Processo: uma Análise nas Artes Visuais - Aparecido José Cirillo.....	185
28. Problemas de transcrição na Missa no. 7 de Francisco Mignone - Carlos Alberto Figueiredo.....	193
29. Processo de criação: diálogo com a cultura - Cristiane Miryam Drumond de Brito .....	199
30. Espaços de criação de duas ceramistas brasileiras - Maria Regina Rodrigues.....	206
31. Acaso como tendência: o projeto poético de Milton Montenegro - Maria Gorete Dadalto Gonçalves.....	215
32. Edição Crítica da Poesia Completa de Lúcio Cardoso - Ésio Macedo Ribeiro.....	225
33. A poesia machadiana: versões, traduções, revisões e diálogos – uma musa de roupas embebidas - Francine Fernandes Weiss Ricieri.....	231
34. O fazer naturalista em o mulato, de Aluísio Azevedo - Laura Camilo dos Santos Cruz. ....	237
35. Perspectivas sobre a gênese de Casa de pensão - Marizete Liamar Grando.....	244
36. A escrita literária é sempre uma prática crítica. Mas crítica do quê? Do processo - Claudia Amigo Pino.....	249
37. O processo telejornalístico na edição - Aline Grego.....	259
38. A Crítica Genética na Propaganda - Prof. João Vicente Cegato Bertomeu.....	268
39. O Processo de Criação e Produção em Os Simpsons - Profa. Chantal Herskovic.....	277
40. O Caderno Rosa de Hilda Hilst - Cristiane Grando.....	286
41. A condição fotográfica da arte contemporânea - gênese e o processo de criação - Evandro de Freitas Gauna.....	287
42. O processo de criação de Cidade de Deus - Keila Prado da Costa.....	289
43. Generalizações sobre o proceso criativo servindo como suporte no caminhar de uma oficina terapêutica ocupacional com psicóticos .....	290
44. Disciplina e liberdade: leituras processuais na música de H.J. Koellreutter.....	295

## 26. PROCESSOS DE ESCRITURA NA ESCOLA: BREVE PANORAMA DE ALGUNS ESTUDOS FRANCESES E BRASILEIROS

VALQUÍRIA C. M. BORBA  
EDUARDO CALIL  
UFAL

### INTRODUÇÃO

A escritura é um ato complexo. Estudos com diversos enfoques teóricos e metodológicos têm sido feitos buscando a compreensão dos processos aí envolvidos. Desde a década de 80, os modelos de processamento de texto se sucedem compondo um grande número de estudos, abordagens e propostas (Gregg & Steinberg, 1980; NYSTRAND, 1982; KROLL & WELLS, 1983, Tierney & Pearson, 1983, Fayol, 2002, para citar apenas alguns). Dentre os estudos engajados em uma perspectiva cognitivista, podemos dizer que, de modo geral, os modelos propostos esquematizam alguns aspectos do processo de escritura como: planejamento (objetivo e conhecimento prévio), rascunho, postura (ponto de vista adotado), revisão e monitoramento (avaliação contínua). Apesar das várias reformulações desses modelos<sup>100</sup> visando dinamizar a relação entre o escritor e o texto que se escreve, a tentativa de formatar o ato de escritura em um “modelo” esbarra na imensa diversidade e heterogeneidade própria dessa relação, corroendo as amarras que unem as etapas nele descritas e apagando o caráter radicalmente singular de cada ato de escritura.

Estudos ligados à Crítica Genética têm mostrado justamente esta dimensão ao analisarem manuscritos literários que compreendem desde a mais breve anotação até as provas tipográficas revistas pelos escritores consagrados antes da publicação definitiva de sua obra. É através de “dossiês genéticos” (GRESILLON, 1994, p. 39) legados pelos escritores que se busca desvendar ao menos parte do processo escritural e, conseqüentemente, do processo criativo estabelecido ao longo do percurso de cada obra literária. De acordo com Salles (1992, p.14), o “geneticista tem a curiosidade de conhecer e compreender a escritura em processo”, ou seja, compreender como a escritura se desenvolve e quais os fatores que a influenciam desde o início até o produto final.

As diferenças suscitadas por estas duas formas de tratar o processo de escritura podem ser expressas através das relações entre sujeito, língua e sentido. De um lado, os estudos cognitivistas que buscam explicar de que forma o sujeito, ao adquirir conhecimento sobre o funcionamento da língua, esboça estratégias que o auxiliem a expressar o que querem, de forma que possam monitorar aquilo que escrevem, ou seja, possam lançar mão dos recursos lingüísticos disponíveis, para atingir uma comunicação o mais próxima possível de sua intenção. De outro lado, os estudos

que assumem a dimensão singular e heterogênea do processo de escritura entendem que aquele que escreve não está em uma posição de controle, não tendo acesso ao funcionamento da língua enquanto totalidade, havendo sempre pontos cegos que escapam às suas intenções. Um autor que aponta para esta dimensão, embasado no aparato teórico psicanalítico, é Willemart (1991, 1993, 1999) que, ao estudar manuscritos de Flaubert e Proust, afirma ser “a gênese de um texto comparável à gênese de um homem cujos pais, tanto quanto o escritor, mais instrumentos do que criadores, assistem à eclosão do rebento, mais aberto a diferentes vozes das mídias, mestres, amigos e parentes que o cercam do que imaginam.” (1993, p.95).

Apesar das investigações filiadas à Crítica Genética guardarem diferenças significativas, elas se afastam da via aberta pelos estudos cognitivistas e, ao mesmo tempo, alimentam outros campos de saber, como por exemplo, trabalhos que enfocam o processo de escritura em contexto escolar. Centrados sobre este processo, mas dentro dos limites deste texto, iremos abordar alguns destes trabalhos desenvolvidos na França e no Brasil com o objetivo de apontar suas possíveis contribuições para a compreensão do ato de escritura.

## 1. ESCRITURA E RASURA EM TRABALHOS FRANCESES

Com base no campo aberto pelos geneticistas, pesquisadores franceses como, por exemplo, Fabre (1990) e Douquet-Lacoste (1994, 2003), começaram a investigar a questão do rascunho e das rasuras em alunos das séries iniciais de forma a identificar os movimentos que interferem na produção de um texto.

Fabre (1990), ao eleger a rasura como seu objeto, foi a primeira pesquisadora a se dedicar aos “brouillons” escolares. Seu trabalho, embora restrito às descrições de rasuras e não aos processos de criação, é um ponto de referência para estudos sobre os manuscritos escolares. Sua pesquisa com alunos de 7 a 10 anos investigou os traços deixados nas reescrituras de um mesmo texto, apresentando uma análise descritiva dos traços que caracterizam operações de adição, supressão, substituição e deslocamento. A autora aponta uma evolução no uso desses recursos de acordo com o nível de escolaridade.

Douquet-Lacoste (2003) também se dedica a investigar a gênese de um texto através do processo de escritura em ato lançando mão dos recursos tecnológicos mais recentes e sofisticados, através do programa de computador “Gênese do Texto”, elaborado pela Associação Francesa para a Leitura. Este programa registra todas as operações de escritura (acréscimos, substituições, apagamentos e deslocamentos), organizando-as cronologicamente, respeitando as pausas e os deslocamentos do cursor. A pesquisadora Douquet-Lacoste (2002, 2003a, 2003b) utiliza este recurso metodológico para analisar aquilo que o programa registra durante o processo de escritura de alunos, entre 10 e 11 anos.

Individualmente, cada aluno precisaria escrever um artigo sobre o “iletrismo” na França e convencer os leitores do jornal da escola sobre sua gravidade. Em sua análise, a autora procura diferenciar as operações de escritura que visam uma “correção formal” dos erros ortográficos e dos problemas de digitação daquelas operações que provocam “modificações semânticas” (Douquet-Lacoste, 2003, p.17). Nas várias modificações identificadas e analisadas, a pesquisadora mostra como os alunos podem,

de um lado, definir um certo estilo sem a intenção de o fazer e, de outro lado, como um fato lingüístico ocasional pode ser aproveitado pelo escrevente e, a partir dele, explorá-lo de forma “astuciosamente explícita” (op. cit., p. 26). Estudos como esses têm propiciado muitas reflexões sobre a forma de condução e recepção da produção textual de um aluno, assim como sobre a relação sujeito/língua durante o processo de escritura/criação.

## 2. ESCRITURA E RASURA EM TRABALHOS BRASILEIROS

No Brasil, compreender o processo de criação de textos em alunos do Ensino Fundamental tem sido objeto de estudo de autores como Rojo (1992), Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson (1997), Oliveira (1998), Felipeto (2003), entre outros.

O caminho percorrido por estes autores apresenta posturas teóricas e metodologias distintas. Mas a tentativa de entender aspectos ligados ao processo de escritura é ponto comum entre as várias pesquisas.

Rojo (1992) é uma das primeiras pesquisadoras brasileiras a voltar seu olhar para a investigação do processo de produção de textos narrativos em situação de escrita livre. A partir do modelo de processamento de linguagem escrita proposto por Flower & Hayes (1980), que analisaram dados de adultos letrados que fizeram protocolos verbais durante o processo de produção de textos dissertativos, a autora propôs um estudo com crianças através da análise de dez protocolos de retrospectão feitos com crianças de 2ª a 4ª séries do Ensino Fundamental de uma escola privada da Capital de São Paulo, totalizando 120 horas de material para análise. A autora buscou rediscutir o modelo de Flower & Hayes, verificando a sua adequação para a abordagem de sujeitos em desenvolvimento e em processo de letramento e para outros tipos de textos no processo de produção. Alguns dos dados encontrados pela autora que diferem do modelo de processamento de linguagem escrita de Flower & Hayes foram: ausência de planejamento prévio no início da aprendizagem da escrita, em prol de um planejamento on line; um processamento não-linear, de caráter associativo, pouco monitorado ou controlado conscientemente; uma diversidade de processos regida por algumas formas decorrentes de processamento do discurso narrativo escrito, apresentando um processo de superação dialética de lugares do sujeito durante o processamento textual, contrapondo assim a linearidade do processamento da proposta dos autores americanos.

Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabison (1997), também trabalhando com a questão do processo de escritura em contexto escolar, apresentam vários artigos, provenientes do projeto de pesquisa intitulado “A relevância teórica dos dados singulares na aquisição da linguagem escrita”<sup>101</sup>, através dos quais mostram a relevância teórica dos dados singulares em aquisição da linguagem escrita.

Os dados de suas pesquisas constam de materiais escritos representativos de diferentes momentos do processo de aquisição da representação escrita (Ensino Fundamental, Médio e Universitário). As pesquisadoras também contam com gravações em vídeo e dados coletados sob forma de diários longitudinais que documentam os primeiros contatos de duas crianças com a atividade de escrita/leitura em interação com interlocutores letrados. Ainda contam com o registro de grande parte da produ-

ção de um mesmo sujeito, representativa de suas atividades escolares com a escrita e da escrita espontânea que se produziu em contexto familiar.

Do ponto de vista metodológico, as autoras assumem o “paradigma indiciário” proposto a partir das reflexões de Carlo Ginsburg (1986). Nesse paradigma, utilizam-se procedimentos abduativos de investigação que, ao contrário da dedução, busca verificar e comprovar uma verdade; a abdução sugere uma interpretação intuitiva que, através de indícios, tenta chegar a uma explicação. Com relação à escrita de alunos em sala de aula, as pesquisadoras procuram identificar e analisar, através de erros que tenham um caráter singular, as marcas do trabalho de refacção<sup>102</sup> deixadas por eles na escrita.

De acordo com as pesquisas feitas pelas autoras, os dados encontrados documentam algumas formas de apagamentos, refacções e reescritas de textos, sinalizando, por exemplo, que dados da escrita inicial, por sua freqüente singularidade, são importantes indícios do processo geral através do qual se vai continuamente constituindo e modificando a complexa relação entre o sujeito e a linguagem. Seus dados também mostram que o interlocutor (o outro) e o sujeito aprendiz de escrita estão em constante movimento, ou seja, o que um diz pode ter algum tipo de efeito sobre o outro e interferir na emergência de dados singulares, como por exemplo, a preocupação que surge no aluno de “fazer letra bonita”, que é apresentada como uma exigência da professora.

A análise dos dados é perpassada pela perspectiva teórica que assume que o sujeito vai adquirindo conhecimento gradual sobre o funcionamento da linguagem e, a partir disso, a identificação de determinadas tendências nos momentos iniciais do contato das crianças com a escrita auxilia a compreender o que virá a se constituir na marca de trabalho individual com essa escrita, em momentos posteriores, quando o usuário da língua pode operar nos limites do que representa como sistemático para obter os efeitos de leitura que deseja. Um exemplo disto foi observado em uma aluna que apresentava em seus textos uma tendência para romper com estruturas estabelecidas, produzindo um efeito irônico, que veio a se constituir em sua marca individual de trabalho.

Suas pesquisas partem da busca de indícios reveladores de uma singularidade que acreditam se manifestar já no início da aquisição de linguagem e que podem contribuir de forma significativa para uma discussão da natureza da relação sujeito/linguagem. Acreditam que o sujeito trabalha sobre a linguagem de forma episódica e idiossincrática a partir daqueles aspectos semânticos ou sintáticos que produz alguma “saliência” (op. cit. p. 21), isto é, aquilo que lhes chama a atenção.

Numa linha de investigação que assume uma postura teórica divergente à das autoras acima citadas, encontramos o trabalho de OLIVEIRA (2004). Para este autor, sujeito e língua estão em processo de constante estruturação, cujas relações indicam antes um sujeito que é “capturado” em um funcionamento lingüístico-discursivo, do que um sujeito que possa analisá-la sem sofrer os efeitos desta captura.

A metodologia, chamada pelo autor de “etnometodologia do meta-enunciativo<sup>103</sup>” busca filmar duplas de alunos quando estão escrevendo a dois uma história inventada em contexto de sala de aula, desde o momento em que a combinam até o momento de lê-la para o professor. Isto tem permitido um acesso tanto ao que se



passa entre os alunos, quanto à relação destes com o que vai (ou não) para o papel. Dificilmente isso seria possível se se filmasse apenas um aluno durante o ato de escrita.

Focando sua análise sobre aquilo que está sendo escrito e o que estão dizendo durante o momento em que escrevem, o autor toma como ponto de reflexão a produção do sentido, a manifestação das rasuras orais e escritas e os processos metafóricos e metonímicos como instrumentos de análise.

Refletindo sobre a prática pedagógica de produção de textos em sala de aula, quando se entende o aluno como “escritor” ou “autor”, Oliveira propôs-se a investigar algumas questões sobre a noção de autoria, tais como: O aluno que produz um texto é autor? De que autor se está falando? Que ou quais lugares ocupam nos textos que produzem? Que caminhos fazem de um texto um texto?

Para Oliveira, “a noção de autor – enquanto efeito da própria escrita – não pode deixar de contemplar os efeitos de sentido produzidos nas relações entre as palavras e as posições discursivas mobilizadas (op. cit. p. 43)”, ou seja, “aquele que produz um texto é afetado, a todo instante, por essas relações, determinando as possibilidades de interpretação” (op. cit. p. 43, citando Orlandi, 1993).

Com relação à rasura, o autor buscou entendê-la estabelecendo pontos de reflexão sobre o que estaria produzindo ou mobilizando as rasuras que aparecem nos textos analisados. O autor mostra que as rasuras não são meras marcas deixadas nos textos, mas indicam dois movimentos diferentes: os lugares do dito, representando obstáculos que controlam ou não outros sentidos do dizer, para que se possa manter a coerência, a unidade do texto; e a presença do equívoco constitutivo da língua, o imprevisível, desestruturando um “já dito” para estabelecer novas relações de sentido. As rasuras são, assim, entendidas enquanto marcas de reprodução por um lado e tomadas tratadas, por outro lado, como índices de ruptura (op. cit. p.69).

O autor mostra ainda que o movimento das práticas de textualização não pode ser entendido nem como linear, nem como previsível, pois desde o começo da prática de textualização, há uma concorrência do latente sob o manifesto, latente entendido como aquilo que emerge através dos processos metafóricos e metonímicos, produzindo efeitos que vão afetando tudo aquilo que irá ser dito depois e tudo aquilo que foi dito antes (op. cit. p. 151, 156).

Através da análise dos dados de pesquisa, o autor afirma que “as posições discursivas estão necessariamente inseridas nas tensões entre sujeito e sentido e que, nesta articulação, há virtualmente lugares que escapam ao sentido previsível ou à reprodução do sentido” (p. 180). Ainda de acordo com os dados obtidos, Oliveira mostra que

*o processo de rasuramento pode ser relacionado ao modo como os sentidos de um texto vão sendo costurados. Nesta teia de efeitos de sentido, há tanto impedimentos de determinadas rotas discursivas quanto suspensões destes impedimentos, produzindo um constante deslocamento do sentido estabilizado, cristalizado. A posição autor está inserida nesta tensão constante e não seria estável do começo ao fim (p.168).*

Outra autora que se insere nesta mesma linha de investigação é Felipeto (2003). A pesquisadora abordou as rasuras orais e escritas que testemunham a presença do equívoco como constitutivo da língua e do sentido que aí se produz, através de

um corpus composto de narrativas ficcionais (histórias inventadas) produzidas por duplas de alunos em situação escolar de 1ª. e 2ª. séries do Ensino Fundamental. Os episódios analisados foram filmados desde o momento em que os alunos combinavam as histórias inventadas até a sua escrita, seguindo o mesmo procedimento metodológico desenvolvido por Oliveira (2004).

Felipeto, ao trabalhar com a noção de “equivoco” (Milner, 1987), interpretou algumas formas de rasuras que não “corrigiram” o texto, mas alterou o que já estava correto. A análise dos dados de sua pesquisa mostrou

*que a fala e a escrita parecem produzir-se entre 2 forças opostas: de um lado, aquela de um Real afetando as palavras da língua - e as letras do alfabeto - de um equivoco, uma imprevisibilidade e uma instabilidade, nutrindo o trabalho do poeta, 'pegando' o sujeito no erro, no lapso, inscrevendo na tessitura de sua fala/escrita um espaço de heterogeneidades; de outro, aquela do Imaginário, exercendo uma força de coesão buscando (as)segurar o Um, a unidade, re-encaminhando o dizer ou a escrita - antes rompidos - para novamente fazer sentido. (p. 157).*

Os dados também permitiram, através das análises feitas, deslocar a noção de rasura de um lugar de “controle”, para um lugar de “opacificação,” testemunhando a emergência de pontos cegos no funcionamento lingüístico-discursivo sobre os quais o sujeito mais é refém do que ator.

### 3. CONCLUSÃO

Apesar de ainda ser relativamente recente os estudos sobre os processos de escrita no Brasil, as diferenças teórico-metodológicas que apresentam são significativas. De um lado, trabalho que se aproximam de uma perspectiva cognitivista (Rojó, 1992; Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson, 1997) e, de outro, estudos filiados a uma abordagem em que língua e sujeito mantêm uma relação de mútua constituição (Oliveira, 1998; Felipeto, 2003).

Apresentamos sucintamente estes estudos, procurando indicar sua importância para a formação de um campo de investigação voltado aos processos de escrita em contexto escolar.

A brevidade deste trabalho certamente deixou de considerar outras investigações, como por exemplo, o estudo de Melo (2000), que investigou o processo de construção de um texto (gênero “notícia”) produzido, conjuntamente, por duas adolescentes do Ensino Médio de uma escola comunitária-particular da cidade de Valinhos.

Este panorama apenas pretendeu delinear alguns estudos e apontar para a necessidade de se ampliar as investigações que compõem o campo de investigação voltado para processos de escrita em contexto escolar, considerando, por exemplo, a análise de textos escritos por alunos de EJA.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M, FIAD, R.S. & MAYRINK-SABISON. (1997) Cenas de Aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas (SP): Associação de Letras do Brasil (ALB); Mercado de Letras.
- ALAMARGOT, Denis & GHANQUOY, Lucile (2002) “Les modèles de rédaction de textes” In: Michel Fayol (éd.) Production du langage. Paris: Lavoisier, 45-66.

- BONIN, Patrick, Fayol, Michel (1996) "L'étude en temps réel de la production du langage écrit, pourquoi et comment", *ÉLA*, 101, p. 8-19.
- DOQUET, Claire (1994) *Enfants écrivant: étude de processus d'écriture d'élèves de CM2 année scolaire 1993-1994*. DEA de Sciences du Langage. Direction: Jacqueline Authier. Université de Paris 3.
- DOQUET-LACOSTE, Claire (2003) "Écriture et traitement de texte à l'école élémentaire: modes d'analyse et pistes de travail". *Langage et Société*, 103 (11- 29).
- FABRE, Claudine (1990) *Les brouillons d'écoliers ou l'entrée dans l'écriture*. Grenoble : Ceditel.
- FAYOL, M. (2002) (éd.) *Production du langage*. Paris: Lavoisier, 315p.
- FELIPETO, Cristina (2003) *Rasura e equívoco no processo de escritura em sala de aula*. Tese de doutorado. UFAL.
- FLOWER, Linda & HAYES, John R. (1994) A cognitive process theory of writing. In: RUDDELL, R. B.; RUDDELL, M. R.; SINGER, H. (Eds.) (1994). *Theoretical models and processes of reading*. Newark: International Reading Association. p. 928-950.
- GARCIA-DEBANC C. (1986) "Intérêt des modèles du processus rédactionnel pour une pédagogie de l'écriture" *Pratiques*, 49. p. 23-49.
- GRÉSILLON, Almuth (1994) *Éléments de Critique Génétique : lire les manuscrits modernes*. Paris : Presses Universitaires de France (PUF).
- GINZBURG, C. (1986) *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo, Companhia das Letras. pp.143-179.
- Hayes, John R. & Flower, Linda (1980) "Identifying the organization of the writing processes". In: Lee W. Gregg & Erwin R. Steinberg (orgs.) (1980) *Cognitive processes in writing*, 31-50. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Kato, Mary A. (1986) "O que fazemos quando escrevemos?" In: *No mundo da escrita: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Ática, pp. 77 - 97.
- KROLL, B. M. & WELLS, G. (orgs.) *Explorations in the development of writing: theory, research and practice*. Chichester, John Wiley and Sons, 1983.
- MATHUHASHI, A. Exploration in the real-time production of written discourse. In M. NYSTRAND (1982) (ed.) *What writers know. The language, process and structure of written discourse*. New York academic Press.
- MELO, Márcia Helena de (2000) *A apropriação de um gênero: um olhar para a gênese de texto no Ensino Médio*. Dissertação de mestrado. UNICAMP.
- NYSTRAND, M. (1982) (ed.) *What writers know. The language, process and structure of written discourse*. New York Academic Press.
- OLIVEIRA, Eduardo Calil (1998) *Autoria, a criança e a escrita de histórias inventadas*. Maceió: Edufal.
- ORLANDI, E. P. (1993) "Vão Surgindo Sentidos". In: Orlandi, E. (org.) *Discurso Fundador: a formação do País e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes. In: OLIVEIRA, Eduardo Calil. (1998) *Autoria, a criança e a escrita de histórias inventadas*. Maceió: Edufal.
- ROJO, R. H. R. (1992) Modelos de processamento em produção de textos: subjetividade, autoria e monitoração. In: M. S. Z. de Paschoal & M. A. A. Celani (orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar*. São Paulo: Educ/PUC/SP. P. 99-123.
- SALLES, Cecília Almeida (1992). *Crítica Genética, uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários*. São Paulo: Educ.
- TIERNEY, Robert J. & PEARSON, P. David (May 1983). Toward a composing model of reading. *Language Arts, Urbana, National Council of Teachers of English*, vol.60, n.5, p.568-80.
- Willemart Philippe, (1991) "A rasura, senha de entrada no mistério da criação". *Caderno de Textos - Crítica Genética*, 5. João Pessoa: UFPB.
- \_\_\_\_\_ (1993) *Universo da criação literária, crítica genética, crítica pós-moderna*. São Paulo: Edusp.
- \_\_\_\_\_ (1999) *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras.

## Notas:

100. Algumas considerações sobre estes modelos pôde ser encontradas em Kato (1986).

101. Este projeto integrado foi financiado pelo CNPq e desenvolvido no Instituto de Estudos da Língua-

gem/Unicamp desde 1992.

102. As autoras não deixam claro o que entendem por refacção. Ora parece tratar-se de uma modificação no decorrer da escritura, ora parece ser refazer o texto ou passá-lo a limpo.

103. Trata-se de corpus coletado in locus, não experimental, procurando-se preservar as características do ambiente e a dinâmica enunciativa própria de uma sala de aula.